

**A ameaça da guerra cognitiva na América: desafios e oportunidades para a
cooperação interamericana.
Mario Brasil do Nascimento¹**

Recibido: 23 de abril de 2024; Aceptado: 26 de junio de 2024.

Mario Brasil do Nascimento, “A ameaça da guerra cognitiva na América: desafios e oportunidades para a cooperação interamericana”. *Hemisferio Revista del Colegio Interamericano de Defensa 10* (2024): 44-68. <https://doi.org/10.59848/24.1207.HV10n3>

Resumo

Este artigo trata da ameaça da guerra cognitiva no Continente Americano no âmbito das ameaças híbridas. Mediante pesquisa bibliográfica e estudo de casos de guerra cognitiva contra estados nacionais, foi possível delinear as características desse fenômeno, seus objetivos, estratégias e táticas. A acelerada evolução tecnológica, o surgimento das mídias sociais e a hiperconectividade das pessoas têm dado forma àquela modalidade de guerra e ao pensamento de Sun Tzu de vencer os oponentes sem necessariamente enfrentá-los de forma cinética. É plausível considerar que a América já está em guerra. O grande desafio é definir como preservar as democracias sem tender ao autoritarismo, ao cerceamento da liberdade de expressão e sem sucumbir diante da mudança da mente das pessoas. Por outro lado, a ameaça, se bem compreendida, pode se transformar em uma oportunidade para a integração de esforços e o estabelecimento de uma defesa cognitiva dos países e do hemisfério.

Palavras-chave: Guerra Cognitiva; Defesa Cognitiva; Cognição; Ameaça Híbrida; Continente Americano

Abstract

This article deals with the threat of cognitive warfare on the American Continent within the scope of hybrid threats. Through bibliographical research and case studies of cognitive warfare against national states, it was possible to outline the characteristics of this phenomenon, its objectives, strategies, and tactics. The accelerated technological evolution, the emergence of social media and the hyperconnectivity of people have shaped that type of war and Sun Tzu's thought of defeating opponents without necessarily facing

¹ Mario Brasil do Nascimento – Coronel veterano do Exército Brasileiro. Doutor em Relações Internacionais pela Atlantic International University, Mestre em Relações Internacionais e Resolução de Conflitos pela American Military University e Mestre em Segurança e Defesa Hemisférica pela ANEPE, Foi Aluno do CID – Classe 52 “La Mejor” em 2012 e Chefe dos Facilitadores em 2013. Atualmente, trabalha na Escola Superior de Defesa. mariobrasil86@gmail.com. <https://orcid.org/0000-0003-1973-594X>

A ameaça da guerra cognitiva na América: desafios e oportunidades para a cooperação interamericana.

them in a kinetic way. It is plausible to consider that America is already at war. The great challenge is to define how to preserve democracies without tending towards authoritarianism and restricting freedom of expression; and without succumbing to the change in people's minds. On the other hand, the threat, if well understood, can be transformed into an opportunity to integrate efforts, and establish a cognitive defense of countries and the hemisphere.

Keywords: *Cognitive Warfare; Cognitive Defense; Cognition; Hybrid Threat; American Continent*

Introdução

O Continente Americano possui aproximadamente 42 milhões de quilômetros quadrados,² constituindo-se o segundo maior continente do mundo depois da Ásia. Essa imensidão territorial abriga recursos importantes como água doce e biodiversidade, que já são alvos da cobiça internacional. 45,5% dos fluxos fluviais do mundo, por exemplo, estão na América.³ 29% das florestas do planeta, fundamentais para regulação climática, se concentram no Continente Americano, sendo que esse abriga a Floresta Amazônica, maior floresta tropical e maior fonte de biodiversidade da Terra.⁴ Além desses recursos, muitas outras riquezas se encontram presentes na América, como minerais, metais, petróleo, gás e solos agricultáveis. Nesse imenso território habitam cerca de 1 bilhão de pessoas,⁵ onde predominam países democráticos (algumas democracias plenas e outras imperfeitas) e poucos regimes considerados híbridos (mistura de democracia e autocracias).⁶

A América tem conseguido se manter afastada das guerras que têm ocorrido ao longo dos tempos, particularmente na Europa, Oriente Médio e na Ásia. O último conflito

² Dado obtido a partir da soma das áreas de 35 países e algumas ilhas pertencentes ao Continente. Central Intelligence Agency. CIA World. Factbook.

³ Vincent Dubreuil e François-Michel LeTourneau. “A água nas Américas. 2020”. (março 2020), <https://doi.org/10.4000/ideas.8459> Acessado em 05 de abril de 2020. <https://journals.openedition.org/ideas/8459#quotation>.

⁴ Food and Agriculture Organization (FAO). “The State of the World’s Forests: Forests, Biodiversity and People. 2020” (2020): 42. Acessado em 05 de abril de 2024. <https://www.fao.org/3/ca8642en/online/ca8642en.html>

⁵ Worldometer (2024). Acessado em 05 de abril de 2020. <https://www.worldometers.info/population/latin-america-and-the-caribbean/> e <https://www.worldometers.info/world-population/northern-america-population/>

⁶ Álvaro Merino. “El mapa del índice de democracia en el mundo”. (2024). Acessado em 05 de abril de 2024. <https://elordenmundial.com/mapas-y-graficos/el-mapa-del-indice-de-democracia/>.

entre países da região ocorreu em 1995 entre Equador e Peru.⁷ Os últimos episódios de conflito envolvendo nações de outros continentes na América, que trouxeram algum risco para o Continente, foram: 1) a crise dos mísseis de Cuba em 1962,⁸ e 2) a Guerra das Malvinas em 1982.⁹ De acordo com dados do Institute for Economics & Peace, agregando os dados da América do Norte, América Central e Caribe e América Latina, tem-se que o Continente Americano ocupa a segunda melhor posição quanto ao índice global da paz (que abrange dados sobre conflitos internos e externos; segurança social; e militarização).¹⁰ Quando se trata apenas da ocorrências de guerras interestatais, o Continente Americano, segundo os dados do Uppsala Conflict Data¹¹ se encontra em uma situação melhor que a dos demais continentes.

No entanto, as riquezas e a relativa paz que o Continente dispõe estão ameaçadas pelas guerras híbridas, sobretudo por aquelas que incidem sobre o pensamento e os valores das pessoas. A ameaça recai, em especial, sobre aqueles que formam a cultura estratégica relativa à segurança hemisférica.¹² Nesse contexto tem-se o fenômeno da guerra cognitiva, modalidade de guerra decorrente da combinação da evolução tecnológica das comunicações, do advento das mídias sociais, da hiperconectividade das pessoas; e dos avanços de conhecimentos da Neurociência, da Ciência de Dados e da Inteligência Artificial para identificar e atuar sobre as vulnerabilidades da mente humana. Na verdade, essa ameaça começou a ser delineada há muito tempo, quando Sun Tzu propôs que a mais alta excelência estava em obter a vitória de um inimigo sem lutar.¹³

⁷ Oswal Sigüenäs Alvarado. “O Conflito do Cenepa em seus 25 Anos: Lições aprendidas Uma Análise do Uso dos Princípios do Poder Aeroespacial Peruano”. *Revista Profissional da Força Aérea dos EUA*. no.3 (2021): 155. Acessado em 05 de abril de 2024.

https://www.airuniversity.af.edu/Portals/10/JOTA/Journals/Volume%203%20Issue%203/06-Siguenas_port.pdf

⁸ William M. Morgan. “The Cuban Missile Crisis at 60 Where do we stand?” *Marine Corps History*. v.9. no.1. (Summer 2023):32. Acessado em 05 de abril de 2024.

https://www.usmcu.edu/Portals/218/Marine%20Corps%20History_9_1_Summer%202023_Morgan_web.pdf

⁹ Rodrigo Milindre Gonzalez Zimmermann. “A guerra das Malvinas/Falklands Desclassificada: A Arquitetura do Conflito a partir da Revisão dos Arquivos Oficiais da Argentina, Estados Unidos e Reino Unido” (2023):12. Acessado em 05 de abril de 2024.

<https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/271073/001193928.pdf?sequence=1>

¹⁰ Institute for Economics & Peace. “Global Peace Index 2023.” (2023):8-9. Acessado em 05 de abril de 2024. <https://www.economicsandpeace.org/wp-content/uploads/2023/09/GPI-2023-Web.pdf>

¹¹ Acessado em 05 de abril de 2024. <https://ucdp.uu.se/downloads/index.html#armedconflict>

¹² Yuriy Danyk e Chad M Briggs. “Modern Cognitive Operations and Hybrid Warfare.” *Journal of Strategic Security* v.16, no.1. (2023): 39. <https://doi.org/10.5038/1944-0472.16.1.2032>.

¹³ Sun Tzu. “A Arte da Guerra: Por uma Estratégia Perfeita.” Tradução Heloísa Sarzana Pugliesi, Márcio Pugliesi. — São Paulo: Madras. (2005): 63.

A ameaça da guerra cognitiva na América: desafios e oportunidades para a cooperação interamericana.

Para a guerra cognitiva, o campo de batalha é a mente das pessoas¹⁴ e os sistemas cognitivos não-humanos;¹⁵ e seu objetivo vai além de modificar o pensamento dos homens.¹⁶ Dessa maneira, o problema norteador deste artigo é o seguinte: quais são os desafios e as oportunidades para o Continente Americano em face da ameaça de guerra cognitiva, que já pode estar em curso, e muitos países americanos ainda não se aperceberam sobre tal fenômeno?

O tema é relevante pois a guerra cognitiva está inserida no âmbito da guerra híbrida,¹⁷ que pode, efetivamente, ser empreendida contra países do Continente Americano, visando a fragmentação, a promoção do caos social e o atingimento de objetivos estratégicos contrários aos da América.

Diante desse cenário, o objetivo de artigo é analisar os desafios impostos pela guerra cognitiva ao Continente Americano e as oportunidades que o estudo do tema pode gerar, particularmente para cooperação interamericana. O artigo compreenderá: 1) uma seção relativa ao entendimento do fenômeno; 2) dois casos históricos do emprego de guerra cognitiva contra atores estatais; 3) uma seção referente aos desafios impostos por essa ameaça híbrida para a América; 4) uma seção acerca das oportunidades, sobretudo a cooperação hemisférica para o desenvolvimento da defesa cognitiva; e 5) conclusão.

Desenvolvimento

Guerra Cognitiva – entendendo o fenômeno

O primeiro registro de uso do conceito de “guerra cognitiva” não é preciso. Usando os motores de busca da Internet, verifica-se que a citação mais antiga a respeito de guerra cognitiva é de 1990,¹⁸ referindo-se ao conflito decorrente da pressão sobre o

¹⁴ James Giordano. Citado por François Du Cluzel. “Cognitive Warfare, a Battle for the Brain.” STO-MP-AVT-211. NATO (2022):.KN3-4. Acessado em 09 de abril de 2024 <https://doi.org/10.14339/STO-MP-HFM-334-KN3-PDF>

¹⁵ Frank Flemisch. “Human-machine teaming towards a holistic understanding of Cognitive Warfare.” In Y. R. Masakowski, J. M. Blatny (eds.) *Mitigating and Responding to Cognitive Warfare*. NATO STO Technical Report RDP STO-TR-HFM-ET-356. (2023): 9-1 – 9:10. Acessado em 09 de abril de 2024. <https://doi.org/10.14339/STO-TR-HFM-ET-356>.

¹⁶ Organização do Tratado do Atlântico Norte. “Cognitive Warfare: Strengthening and Defending the Mind.” (2023). Acessado em 26 de março de 2024. <https://www.act.nato.int/article/cognitive-warfare-strengthening-and-defending-the-mind/>.

¹⁷ Tzu-Chieh Hung e Tzu-Wei Hung. “How China’s Cognitive Warfare Works: A Frontline Perspective of Taiwan’s Anti-Disinformation Wars.” *Journal of Global Security Studies*. (2020):2-3. <https://doi.org/10.1093/jogss/ogac016>.

¹⁸ B. Pritchard. Cognitive Wars A-I Theory: An Appraisal *In Theory Vědy*. Tchéquia: Ústav, v.1/2. (1990):7:23. Acessado em 27 de março de 2024. <http://dk.kramerius.org/cdk/view/uuid:17fd3622-2e83-11e2-1418-001143e3f55c?page=uuid:17fd362b-2e83-11e2-1418-001143e3f55c&fulltext=cognitive%20war&source=knaw>

comportamento. Posteriormente, há duas referências ao assunto em 1996. A primeira é feita por Elam,¹⁹ referindo-se à exploração potencial do uso da ofensiva informacional. Na tese, citou-se a expressão “guerra cognitiva”, sem defini-la, e associou-a ao conceito de guerra da informação. A segunda referência foi feita por Dahl,²⁰ abordando a “guerra cognitiva” como uma estratégia para reduzir a velocidade e a acurácia do processo decisório inimigo. Dahl destacou o emprego da guerra cognitiva sobre o ciclo: observação, orientação, decisão e ação, também conhecido como ciclo OODA.²¹

O conceito de guerra cognitiva é emergente na literatura acadêmica²² e não há, até o momento, uma definição universal para o assunto. Não obstante, os conceitos difundidos nos âmbitos acadêmico, institucional ou privado permitem o delineamento da ameaça. Claverie e Du Cluzel asseveram que guerra cognitiva é uma forma não convencional de guerra,²³ Backes e Swab a definem como uma estratégia,²⁴ e a Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN) considera-a como um conjunto de atividades conduzidas em sincronização com outros instrumentos de poder.²⁵ Em relação aos objetivos da guerra cognitiva, os pesquisadores também divergem, por exemplo: 1) segundo Rosner e Siman-Tov, a guerra cognitiva pretende minar a unidade social e prejudicar a confiança do público no sistema político;²⁶ 2) Backes e Swab indicam que o objetivo é alterar o pensamento e o modo de agir de uma determinada população-alvo;²⁷

¹⁹ Donald Emmet Elam. “Attacking the Infrastructure: Exploring Potential Uses of Offensive Information Warfare.” (1996):14. Acessado em 05 de abril de 2024. <https://apps.dtic.mil/sti/tr/pdf/ADA311391.pdf>.

²⁰ Arden B. Dahl. “Command Dysfunction: Minding the Cognitive War.” (1996): 37. Acessado em 05 de abril de 2024. http://uploads.worldlibrary.net/uploads/pdf/20121023231948command_dysfunction_pdf.pdf

²¹ Idem. p.38.

²² Marie Morelle, Damien Marion, Julien Cegarra e Jean-Marc André. “Towards a Definition of Cognitive Warfare.” Conference on Artificial Intelligence for Defense, DGA Maîtrise de l’Information, Rennes. France. (novembro 2023):1. Acessado em 05 de abril de 2024. <https://hal.science/hal-04328461/document>

²³ Bernard Claverie e François Du Cluzel. “Chapter 2 – “Cognitive Warfare”: The Advent of the Concept of “Cognitics” in the Field of Warfare. In Cognitive Warfare: First NATO Scientific Meeting on Cognitive Warfare. (2021):2-1. Acesso em 08 de abril de 2024. <https://innovationhub-act.org/wp-content/uploads/2023/12/Cognitive-Warfare-Symposium-ENSC-March-2022-Publication.pdf>

²⁴ Oliver Backes e Andrew Swab. “Cognitive Warfare. The Russian Threat to Election Integrity in the Baltic States.” Policy Analysis Exercise. Harvard Kennedy School. Belfer Center for Science and International Affairs. (2019): v. Acessado em 07 de abril de 2024 <https://www.belfercenter.org/sites/default/files/2019-11/CognitiveWarfare.pdf>

²⁵ Organização do Tratado do Atlântico Norte. Acessado em 08 de abril de 2024. <https://www.act.nato.int/article/cognitive-warfare-strengthening-and-defending-the-mind/>

²⁶ Yotam Rosner e David Siman-Tov. “Russian Intervention in the US Presidential Elections: The New Threat of Cognitive Subversion.” *INSS Insight* no.1031 (março 2018):1. Acessado em 08 de abril de 2024. <https://www.inss.org.il/publication/russian-intervention-in-the-us-presidential-elections-the-new-threat-of-cognitive-subversion/>.

²⁷ Oliver Backes e Andrew Swab. (2019):1.

A ameaça da guerra cognitiva na América: desafios e oportunidades para a cooperação interamericana.

3) Ottewell considera que o foco é estabelecer uma percepção predeterminada para um público-alvo a fim de que os interessados nessa mudança obtenham vantagem;²⁸ 4) a OTAN considera que o objetivo é afetar atitudes e comportamentos pela influência, proteção e/ou interrupção cognitiva individual ou coletiva²⁹; e 5) Divyanshu entende que os objetivos são: minar a confiança em instituições oficiais do estado, redirecionar ou afastar a população de fontes confiáveis de informação, causar uma sobrecarga informacional; e controlar a narrativa.³⁰

A guerra cognitiva tem relação, principalmente, com dois fenômenos relativamente recentes: 1) a aceleração da evolução tecnológica dos meios de comunicação e a democratização de acessos a esses meios; e 2) o surgimento das redes sociais digitais.³¹ Basta ver que o número de dispositivos móveis de comunicação (celulares e tablets) no mundo gira ao redor de 17,72 bilhões,³² e há mais de 100 redes sociais em uso para diversos fins.³³

A operacionalização da guerra cognitiva se dá por diversos meios de forma combinada. As operações psicológicas, por exemplo, constituem um dos instrumentos utilizados para: 1) alterar crenças e valores das pessoas; 2) distorcer percepções da realidade; 3) criar ilusões culturais; 4) fomentar a ansiedade, medo, raiva e a fragmentação social; e 5) explorar as fraquezas ou fortalezas de personalidade.³⁴ Noutra vertente têm-se as operações que usam as capacidades relacionadas à informação para influenciar, interromper ou degradar a tomada de decisão adversa.³⁵ Aquelas capacidades podem

²⁸ Paul Ottewell. "Defining the Cognitive Domain". (2020):4. Acessado em 08 de abril de 2024. <https://overthehorizonmidos.wpcomstaging.com/2020/12/07/defining-the-cognitive-domain/?ref=stratagem.no>.

²⁹ Organização do Tratado do Atlântico Norte

³⁰ Divyanshu Jindal. "The War on Conscience: India in the Age of Cognitive Warfare." India Foundation Monography 1. (2023):7. Acessado em 10 de abril de 2024. <https://indiafoundation.in/wp-content/uploads/2023/09/Divyanshu-Jindal-combined-Final-48-pages.pdf>

³¹ Paul Ottewell. (2020):2.

³² Federica Laricchia In Statista. "Forecast number of mobile devices worldwide from 2020 to 2025 (in billions) *". Acessado em 16 de abril de 2024. <https://www.statista.com/statistics/245501/multiple-mobile-device-ownership-worldwide/#:~:text=In%202021%2C%20the%20number%20of,devices%20compared%20to%202020%20levels>.

³³ Jacinda Santora. "116 social media sites you need to know in 2024". Acessado em 16 de abril de 2024. <https://influencermarketinghub.com/social-media-sites/>

³⁴ Claverie e Du Cluzel (2021): 2-3.

³⁵ Joint Chiefs of Staff. "Joint Publication 3-13. Information Operations." (2012):II-1. Acessado em 09 de abril de 2024. https://irp.fas.org/doddir/dod/jp3_13.pdf.

compreender, por exemplo, a desinformação, as narrativas, as atividades de engenharia social e exploração de vieses cognitivos.³⁶

Tabela 1 - Diferenças entre guerra psicológica, guerra de informação e guerra cognitiva

Guerra psicológica	Guerra de informações	Guerra cognitiva
Atua sobre as crenças	Atua sobre capacidades relacionadas à informação (CRI)	Atua sobre a cognição
Distorce percepções	Influencia o processo de tomada de decisão (PTD), utilizando as CRI	Provoca sobrecarga sensorial e perceptiva
Cria ilusões culturais	Interrompe o PTD com as CRI	Satura o sistema atencional
Provoca ansiedade e medo	Corrompe o PTD com as CRI	Canaliza a atenção
Explora fraquezas ou fortalezas da personalidade	Usurpa o PTD com as CRI	Provoca erros de julgamento
-	-	Fomenta a criação de vieses cognitivos

Fontes: Próprio autor com base em Claverie de Du Cluzel, 2021 e Manual Operações de Informação do Exército Brasileiro

Sob a perspectiva tecnológica, as operações cibernéticas podem ser utilizadas para afetar tanto o sistema cognitivo humano quanto a aprendizagem de máquinas, no processo de inteligência artificial. Essa situação é ainda mais grave, pois, como Claverie, argumenta, a cognição já não é mais uma questão puramente cerebral, mas uma relação de compartilhamento de informações com a tecnologia digital.³⁷ Du Cluzel indica que o cérebro humano é incapaz de distinguir se uma informação particular é certa ou errada sem o aprofundamento de pesquisa.³⁸ Danyk e Briggs consideram que quando não há informação com significado suficiente, o cérebro tende a sofrer uma distorção, aceitando o que é mais rápido e mais prático.³⁹ Du Cluzel, Danyk e Briggs concordam que, em caso de sobrecarga informacional,⁴⁰ o cérebro é levado a buscar atalhos para determinação da confiabilidade, assim como é levado a acreditar em informações

³⁶ Federico Borgonovo. “Strategies, disinformation techniques and cognitive warfare of jihadist organisations.” *Journal of Stability Policing – Advanced Studies*. v.I. no.1.(2022):41. Acessado em 09 de abril de 2024. <https://www.coespu.org/articles/strategies-disinformation-techniques-and-cognitive-warfare-jihadist-organisations>.

³⁷ Bernard Claverie. “What Is Cognition? And How to Make it One of the Ways of the War?” In *Cognitive Warfare: The Future of Cognitive Dominance*, NATO Collaboration Support Office, (2022):4-3 Acessado em 10 de abril de 2024. <https://hal.science/hal-03635907v1/document>.

³⁸ François Du Cluzel. “The vulnerabilities of the human brain.” In. *The Centrality of Human Brain. Cognitive Warfare*. Innovation Hub. (2020):.13. Acessado em 12 de abril de 2024. https://innovationhub-act.org/wp-content/uploads/2023/12/20210113_CW-Final-v2-.pdf

³⁹ Yuriy Danyk e Chad M Briggs. “Modern Cognitive Operations and Hybrid Warfare.” *Journal of Strategic Security* 16, n.1. (2023): 35-50. Acessado 10 de abril de 2024. <https://digitalcommons.usf.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=2032&context=jss>.

⁴⁰ Grande volume de informação, normalmente associado com o pouco tempo para processamento.

A ameaça da guerra cognitiva na América: desafios e oportunidades para a cooperação interamericana.

conhecidas anteriormente como verdade, ainda que possam ser falsas – viés da confirmação.⁴¹ O fluxo intenso de informações durante a pandemia de COVID-19 exemplificou a sobrecarga informacional, misturando informações corretas, informações incorreta e desinformação. Ademais, o cérebro aceita informações como verdadeiras se suportadas por supostas evidências, sem considerar a questão da autenticidade desses dados.⁴² Dany e Briggs ainda alertam: 1) a exiguidade de tempo para respostas promove o uso da intuição ou daquilo que é costumeiro; e 2) há uma relação entre o lembrado e o esquecido. Essa última situação é ilustrada pela Curva de Esquecimento de Hermann Ebbinghaus, que mostra a velocidade com que uma informação é esquecida pela mente humana ao longo tempo, logo a guerra cognitiva faz uso da “repetição espaçada” da informação para que o assunto seja retido na memória⁴³ e os comportamentos sejam alterados.

Um dos grandes objetivos da guerra cognitiva é a mudança do pensamento ou do processo de pensamento das pessoas conforme a conveniência e os interesses do atacante. Elder e Paul mostram que, em todo pensamento, estão presentes oito estruturas básicas: 1) identificação do propósito ou objetivo; 2) a definição do problema; 3) o levantamento de dados, fatos, observações e experiências anteriores; 4) interpretação, inferências, conclusões ou soluções; 5) a associação da situação com conceitos, teorias, axiomas, princípios e modelos; 6) o levantamento de hipóteses ou suposições; 7) implicações e consequências; e 8) pontos de vista, perspectivas e orientações.⁴⁴ A mudança do pensamento pela guerra cognitiva se dá pela manipulação de informações e dos sentimentos, usando ações como: *reframing*, *priming*, *emotioneering* e/ou a inoculação. O *reframing* do pensamento do público-alvo constitui o reenquadramento da percepção da audiência,⁴⁵ para influir sobre as estruturas básicas do pensamento. No reenquadramento, situações boas são convertidas em ruins e vice-versa. A Rússia, por exemplo, noticiou que lançou uma “operação especial” para defender a segurança do próprio país e libertar os ucranianos de um regime nazista. Por outro lado, a Ucrânia tornou público que a invasão visava subjugar os ucranianos e apagar sua identidade

⁴¹ François Du Cluzel. (2021): 14, Yuriy Danik e Chad M Briggs. (2023):39.

⁴² François Du Cluzel (2021): 14.

⁴³ Divyanshu Jindal. (2023): 8.

⁴⁴ Elinda Elder e Richard Paul. “Analytic Thinking: How to take thinking apart and what to look for when you do. The elements of thinking and the standards they must meet.” (2007): 5. Acessado em 13 de abril de 2024. https://www.criticalthinking.org/files/Concepts_Tools.pdf.

⁴⁵ James P. Robson e Meredith Troutman-Jordan. “A Concept Analysis of Cognitive Reframing.” *Journal of Theory Construction & Testing; Liste*. V.18, no 2 (Fall/Winter 2014):55-59. Acessado em 10 de abril de 2024. <https://www.proquest.com/docview/1629019978?sourcetype=Scholarly%20Journals>

nacional, assim os ucranianos defendiam a liberdade e a integridade territorial.⁴⁶ Cada ator tenta modular a percepção das pessoas conforme seus interesses e afetar os fatos, os objetivos, as consequências e os pontos de vista. O *priming* se refere a processos de aprendizagem implícitos⁴⁷ que usam de associações mentais para influenciar o comportamento e o julgamento. O uso de bandeiras e de heróis nacionais, por exemplo, pode ter o efeito associativo de nacionalismo e poder, visando o fortalecimento da coesão nacional. O *Emotioneering* diz respeito ao uso de informações para causar emoções específicas que podem influenciar a receptividade da comunicação, sendo largamente empregado nos games utilizados pelos jovens.⁴⁸ A inoculação trata da exposição do público-alvo a informações contrárias a um ponto de vista específico para torná-la resistente à mudança.⁴⁹

Dessa forma, diferentemente das guerras com características cinéticas, a guerra cognitiva independe de meios militares e pode ser desencadeada de forma silenciosa, sem que o atacado nem saiba que está debaixo de uma ofensiva cognitiva. Para demonstrar tal situação, na próxima seção serão verificados alguns casos concretos do emprego da guerra cognitiva.

Casos históricos do emprego da guerra cognitiva

Guerra cognitiva russa contra os Países Bálticos

Backes e Swab pesquisaram e apresentaram o emprego da guerra cognitiva pela Rússia contra Estônia, Letônia e Lituânia, ex-integrantes da União da República Socialista Soviética (URSS), também conhecidos como Países Bálticos. Durante o tempo da URSS, os Países Bálticos sofreram um processo de “russificação,”⁵⁰ resultando em profunda ambivalência com a Rússia. Por um lado, havia profunda antipatia; e por outro

⁴⁶ Dr. András Rác. “Socially Inclusive and Exclusive Warfighting: Comparing Ukraine and Russia’s Ways of War.” In *Russia’s Imperial Endeavor and Its Geopolitical Consequences*. Central European University Press (novembro 2023): 27. Acessado em 10 de abril de 2024. <https://dgap.org/en/research/publications/socially-inclusive-and-exclusive-warfighting-comparing-ukraine-and-russias>

⁴⁷ Alvaro Pastor. “Cognitive Warfare.” Barcelona, Spain. 2023. Publicado em PsyArXiv Preprints. (versão de 27 de junho de 2003): 6. <https://doi.org/10.31234/osf.io/zgsej> Acessado em 10 de abril de 2024.

⁴⁸ D Freeman. “Creating Emotion in Games: The Craft and Art of Emotioneering.” In *Computers in entertainment*. v.2. no.3. (2004). <https://doi.org/10.1145/1027154.1027179>.

⁴⁹ Benjamin J Knox. “Chapter 5- Cognitive and Behavioral Science (Psychological Interventions) In Mitigating and Responding to Cognitive Warfare”. STO-TR-HFM-ET-356 (2022): 5-3. <https://doi.org/10.14339/STO-TR-HFM-ET-356>.

⁵⁰ Transformação visando se parecer com a Rússia, seja pelo idioma, etnias e adoção de hábitos e costumes russos.

A ameaça da guerra cognitiva na América: desafios e oportunidades para a cooperação interamericana.

o estabelecimento laços culturais, históricos, políticos e econômicos com aquele país. Desde 1991, ocasião da independência daqueles países, a Rússia tem promovido campanhas para desestabilizá-los, mas, principalmente depois de 2004 quando Estônia, Letônia e Lituânia ingressaram na OTAN. A posição geográfica dos três países é fundamental para o acesso pleno da Rússia ao Mar Báltico, bem como a manutenção territorial em face de eventuais ofensivas do Ocidente. No entanto, foi nos períodos eleitorais que as vulnerabilidades dos Países Bálticos foram acentuadas. A Rússia aproveitou o período das campanhas eleitorais, pois havia cobertura ininterrupta da mídia, o debate público era intenso e de elevada tensão; e os eleitores podiam expressar sua vontade para determinar o futuro de suas nações. Backes e Swab identificaram que a Rússia tinha os seguintes objetivos: 1) minar o processo político interno dos Países Bálticos; 2) interferir nas eleições para atingir interesses geopolíticos russos; 3) interferir politicamente nos Países Bálticos; 4) inflamar a divisão dentro da sociedade; e 5) mudar a forma como os eleitores pensavam e como eles iriam votar. A macro visão russa era de restaurar o poder e manter a influência em países anteriormente ocupados pela URSS; promover a ordem mundial multipolar; e usar os Países Bálticos para desacreditar as instituições ocidentais como a União Europeia e a OTAN. Como estratégia para promover a guerra cognitiva, a Rússia priorizou o emprego do vetor informacional sobre o vetor cibernético, que foi utilizado secundariamente. As táticas russas englobaram: 1) o emprego da desinformação, da propaganda e do vazamento de documentos; 2) a disseminação de informações manipuladas nas mídias sociais; 3) a instrumentalização da memória história da população daqueles países; 4) o apelo pelos russos étnicos e minorias localizados na Estônia, Letônia e Lituânia; 5) a promoção das narrativas para dividir a sociedade dos Países Bálticos, inclusive relacionando à imagem do apartheid da África do Sul; 6) o uso do idioma russo para influenciar a população, seja de origem russa ou falantes do russo; 7) suborno a partidos políticos; 8) financiamentos ilegais e a ligação russa com ONG manipuladas. O caso dos pôsteres na cidade de Tallinn, na Estônia, ilustra a tentativa russa de fomentar a cizânia entre russos e não russos do país e, eventualmente, permitir uma ação da Rússia para proteger as minorias. Os pôsteres foram colocados em paradas de transporte público e três deles, com círculos azuis sobre fundo branco, diziam “somente estonianos aqui”. Do outro lado, separados por uma faixa vermelha, outros três pôsteres com círculos vermelhos sobre fundo branco com a inscrição “somente russos aqui”. Essa tentativa de influir na percepção da sociedade estoniana, buscou explorar a

questão de uma divisão étnica entre estonianos e russos (moradores da Estônia), sendo explorada pela mídia russa para ecoar entre os eleitores.⁵¹

Figura – “Somente estonianos aqui” – “Somente russos aqui”



Fonte: Agaate Antson e Sander Punamäe⁵²
Crédito da imagem: Sander Ilvest

As narrativas foram largamente empregadas pelos russos na guerra cognitiva contra os Países Bálticos, como por exemplo:

Tabela 2 - Narrativas russas

Narrativas utilizadas	Aspectos de cognição atacados
Os governos da Estônia, Letônia e Lituânia são fascistas ou pró-fascistas. Buscou-se atingir principalmente a população idosa, em datas mais significativas.	Percepção, associação, memória e linguagem
Os Estados Bálticos são estados falidos porque são incapazes de proporcionar boa condição de vida para os cidadãos. As elites são corruptas e há conivência com valores ocidentais que destroem as sociedades. Explorou a falta de oportunidade econômica.	Percepção, juízo, pensamento e linguagem
Os governos dos Estados Bálticos discriminam os russos, falantes de russo e residentes não natos. Explorou-se o “apartheid” e os desrespeitos aos direitos humanos.	Percepção, juízo, pensamento e linguagem

⁵¹ Backes e Swab (2019): v.

⁵² Agaate Antson e Sander Punamäe. “Estonia 200 provocative posters”. 2019. Acessado em 12 de abril de 2024. <https://news.postimees.ee/6494099/estonia-200-provocative-posters>

A ameaça da guerra cognitiva na América: desafios e oportunidades para a cooperação interamericana.

Fonte: próprio autor com base nos dados de Backes e Swab

As lições apreendidas nesse caso mostram que a resposta à guerra cognitiva envolve muito mais do que questões técnicas. Requer-se a preparação da sociedade quanto ao desenvolvimento do pensamento crítico e a adequada difusão de informações para combate às desinformações. Para a detecção, faz-se necessário ampliar a capacidade de inteligência e de monitoramento de fontes e narrativas de notícias falsas. Para a defesa, verificou-se a necessidade de ampliar a capacidade de cibersegurança para os processos eleitorais, assim como melhorar as capacidades dos grupos de trabalho ligados à segurança da informação e combate à desinformação. É necessário que haja planos de contingência para as eleições face à guerra cognitiva e esses sejam treinados. No tocante às vulnerabilidades, é preciso promover a coesão nacional e promover políticas para grupos minoritários. Finalmente, deve-se buscar as boas práticas dos aliados.⁵³

Guerra cognitiva chinesa contra Taiwan

A China empreende guerra cognitiva contra Taiwan e os Estados Unidos da América em função da disputa geopolítica para unificação de Taiwan, pela busca do domínio de todo o Mar do Sul China; e a projeção de seu poder naval, visando se contrapor à contenção norte-americana, inspirada por Spykman,⁵⁴ estabelecida pela Teoria do *Rimland*.⁵⁵ De acordo com Hung e Hung a guerra cognitiva chinesa procura aumentar o conflito interno em Taiwan, fomentar as opiniões contrárias à independência; e, principalmente, promover a unificação de Taiwan à China continental. A guerra cognitiva chinesa se vale de quatro ações: 1) intimidação militar à Taiwan; 2) promoção da desinformação sobre a população taiwanesa; 3) influência à mudança de pensamento sobre independência; e 4) interferência na cognição da população taiwanesa usando a religião.⁵⁶ A China busca intimidar a população de Taiwan mediante sortidas de aeronaves de combate, lançamentos de mísseis e a realização de exercícios simulados com seu poder naval. Essas ações militares causam medo e ansiedade, contribuindo para a afetação do sistema cognitivo e, por conseguinte, a resposta da sociedade à

⁵³ Backes e Swab (2019): vi.

⁵⁴ Braz Baracuhy. “Os Fundamentos da Geopolítica Clássica: Mahan, Mackinder, Spykman”. Fundação Alexandre de Gusmão. (2021):33.

⁵⁵ Teoria do controle dos mares, oceanos e rotas comerciais em oposição à Teoria do Heartland (controle do coração do mundo) desenvolvida por Nicholas Spykman.

⁵⁶ Tzu-Chieh Hung e Tzu-Wei Hung. “How China’s Cognitive Warfare Works: A Frontline Perspective of Taiwan’s Anti-Disinformation Wars.” *Journal of Global Security Studies*, v.7. no.4. (2000):1–18. <https://doi.org/10.1093/jogoss/ogac016>.

independência ou à unificação.⁵⁷ Quanto ao uso da desinformação, Shimbun argumenta que a China tem utilizado das mídias sociais para demonizar o governo de Taiwan e provocar a divisão da sociedade taiwanesa.⁵⁸ Para isso coleta dados das pessoas por intermédio da oferta de jogos e de testes psicológicos pelo Facebook, utilizando empresas como a WuWei Technology,⁵⁹ para identificar o perfil dos habitantes e elaborar as notícias falsas. Segundo Shen, outras empresas como WeChat e GTCOM também têm sido utilizadas para coletar dados que alimentam a elaboração da desinformação.⁶⁰ Um caso concreto de desinformação chinesa se relaciona ao incidente no Aeroporto Internacional de Osaka/Japão (com problemas de estabilidade do solo), quando diversas notícias em redes sociais informaram que a China estaria realizando o resgate de seus nacionais, mas só resgataria os taiwaneses que lá estivessem se se declarassem chineses. Essa situação foi explorada em redes sociais para mostrar a fragilidade de Taiwan em apoiar sua população, ao contrário da China.⁶¹

No tocante à desinformação ligada aos Estados Unidos, de acordo com Burton e Stewart, em 2019 a China promoveu campanha de guerra cognitiva para desacreditar os taiwaneses sobre o eventual apoio norte-americano à Taiwan, visando criar a desconfiança entre os EUA e seus aliados, bem como e promover a cisão entre a população de Taiwan.⁶²

Além disso, para influenciar os habitantes de Taiwan a modificarem suas convicções, a China tem ofertado benefícios econômicos e socioculturais como o acesso à educação.⁶³ Noutra vertente de influência, a China utiliza da religião Mazuísta, crença popular relacionada à cultura marítima. Ao redor de 70% dos taiwaneses pertencem a esse

⁵⁷ James A. Siebens. “China’s Use of Armed Coercion: To win without fighting.2024”. London: Routledge, Taylor & Francis Group.

⁵⁸ Youmiuri Shimbun. “China’s cognitive warfare aims to influence views in Taiwan.” The Japan News.(outubro 2022). Acessado em 13 de abril de 2024. <https://asianews.network/chinas-cognitive-warfare-aims-to-influence-views-in-taiwan/>.

⁵⁹ Puma Shen. “How China Initiates Information Operations Against Taiwan”. *Taiwan Strategists No.12*. (2021): 20. Acessado em 14 de abril de 2024. <https://www.airitilibrary.com/Article/Detail?DocID=P20220613001-202112-202206130009-202206130009-19-34>.

⁶⁰ Puma Shen. (2021):20

⁶¹ Taipei Times. 2018. Acessado em 15 de abril de 2024. <https://www.taipeitimes.com/News/taiwan/archives/2018/09/09/2003700087>

⁶² Rachael Burton e Devin Stewart. “China’s Cognitive Warfare,” with Rachael Burton. New York: Newstex. 2019. Acessado em 14 de abril de 2024. <https://www.carnegiecouncil.org/media/series/asia/20190211-china-cognitive-warfare-rachael-burton>.

⁶³ Gunter Schubert. “China’s 31 Preference Policies for Taiwan: An Opportunity, no Threat”. (2018). Acessado em 15 de abril de 2024. <https://taiwaninsight.org/2018/03/21/chinas-new-31-preference-policies-for-taiwan-an-opportunity-no-threat/>

A ameaça da guerra cognitiva na América: desafios e oportunidades para a cooperação interamericana.

credo religioso, que tem raízes na China. O Mazuísmo tem sido usado modelar a percepção dos taiwaneses de que ambos os países compartilham laços religiosos comuns; e devem perseguir a política de “uma só China” com base na unificação pacífica.⁶⁴

Em virtude das ações de guerra cognitiva chinesa, Taiwan estabeleceu um Centro de Pesquisa de Guerra Cognitiva, destinado a estudar a desinformação online que ameaça a democracia e a segurança do país. Esse Centro é estruturado em três divisões: 1) compilação e pesquisa de dados; 2) análise da guerra cognitiva; e 3) unidade de resposta rápida às notícias falsas.⁶⁵

No caso envolvendo China e Taiwan, as lições aprendidas mostram a necessidade de estruturação de organismo próprio para lidar com as ameaças de guerra cognitiva de forma que a resposta seja unificada e a mais rápida possível. Essa lição fica caracterizada pela ação concreta de Taiwan ao criar um Centro de Pesquisa de Guerra Cognitiva dedicado exclusivamente para enfrentar esse tipo de ameaça.

Na sequência, serão abordados alguns desafios que a guerra cognitiva impõe à América.

Os desafios impostos à América pela guerra cognitiva

O Sistema Internacional atual ainda pode ser considerado como uni-multipolar,⁶⁶ onde os Estados Unidos se mantêm como potência militar hegemônica. No entanto, China e Rússia têm buscado a superação norte-americana e a transformação do mundo para um sistema multipolar. No âmbito econômico, a China já tem reduzido a diferença de seu produto interno bruto em relação ao PIB dos EUA. Em 2022, a diferença era ao redor de 6,7 trilhões a favor dos EUA e, em 2023, essa diferença caiu para 5,6 trilhões.⁶⁷ Ellis argumenta que a expansão chinesa no Continente Americano nas áreas de comércio, negócios, militar e política está transformando o ambiente político-econômico do Hemisfério.⁶⁸ Em 2003, o comércio chinês com a Região era em torno de 29 bilhões de dólares, mas em 2013 houve um salto para 270 bilhões.⁶⁹ Ademais, áreas estratégicas

⁶⁴ Tzu-Chieh Hung e Tzu-Wei Hung. (2000):1–18.

⁶⁵ Chien Li-chung e Jason Pan. “Research center set up to combat cognitive warfare.” 2024. Acessado em 15 de abril de 2024. <https://www.taipeitimes.com/News/front/archives/2024/01/19/2003812310>.

⁶⁶ Samuel Huntington. “The Lonely Superpower.” *Foreign Affairs*. v.78. no.1. (março 1999): 36.

⁶⁷ Dados do Banco Mundial. Acessado em 15 de abril de 2024. <https://data.worldbank.org/indicator/NY.GDP.MKTP.CD>

⁶⁸ Robert Evan Ellis. “The Rise of China in the Americas.” *Security and Defense Studies Review*. v. 16. (2014): 90.

⁶⁹ Idem

como exploração mineral e petrolífera, telecomunicações e infraestrutura têm sido alvo dos aportes de investimentos chineses na América. Concomitantemente à inserção econômica, a China tem se imiscuído em aspectos políticos na América, que podem ampliar o ambiente conflituoso com os EUA, em virtude de: 1) promover orientação para lideranças políticas da América Latina; 2) influenciar algumas Forças Armadas da Região em países como Venezuela, Cuba, Equador e Bolívia;⁷⁰ 3) influenciar países em assuntos de direitos humanos e democracia; e 4) patrocinar a viabilidade econômica do bloco político opositor aos EUA.⁷¹ O relacionamento competitivo EUA-China atrai o emprego da guerra cognitiva para o Hemisfério, com o objetivo geopolítico de promover o declínio norte-americano e implantar a multipolaridade em sua plenitude.

Noutra vertente, a guerra Rússia – Ucrânia acirra o conflito Rússia – EUA em virtude do apoio norte-americano à Ucrânia e à OTAN. Essa situação aproxima a guerra cognitiva russa sobre o Continente Americano, seja para fragmentar o apoio dos países da América Latina e do Caribe aos EUA, à OTAN e à própria Ucrânia

Para mostrar que a guerra cognitiva já é uma ameaça real para os países do Continente, observe-se o caso do Canadá. Segundo um relatório de 2019 da Clairvoyance Cyber Corp for Public Safety, serviços de inteligência de atores hostis continuariam a interferir e influenciar os interesses canadenses; e as companhias de tecnologia chineses tentariam controlar os canadenses por intermédio da desinformação, interferência, manipulação da mídia, guerra psicológica e do *lawfare*.⁷² Segundo McMahon, tanto Rússia quanto China usam desinformação para prejudicar a economia canadense e a estrutura sócio-político democrática do país. McMahon argumenta que um relatório de 2021, da Global News, apontou uma rede de websites ligada à Rússia ao espalhamento de informações falsas sobre COVID-19, contribuindo para a ocorrência de cerca de 2.800 óbitos no Canadá a um custo de aproximadamente 300 milhões de dólares.⁷³

As democracias imperfeitas ou híbridas do Continente Americano são alvos vulneráveis à guerra cognitiva promovida por países de outros continentes, particularmente por contarem com diversas fragilidades como: 1) disparidade econômica;

⁷⁰ Robert Evan Ellis. “Chinese Security Engagement in Latin America.” Center For Strategic & International Studies. (2020): 4-5.

⁷¹ Idem

⁷² Dave McMahon. “Maligned Influence and Interference in Canada”. Canadian Global Affairs Institute. (2023): 2. Acessado em 15 de abril de 2024.

https://assets.nationbuilder.com/cdfai/pages/5323/attachments/original/1688675087/Maligned_Influence_and_Cognitive_Warfare.pdf?1688675087

⁷³ Idem

A ameaça da guerra cognitiva na América: desafios e oportunidades para a cooperação interamericana.

2) desigualdade e conflitos raciais; 3) migrações populacionais; 4) desrespeito aos direitos humanos; 5) luta de classes; 6) conflitos envolvendo grupos minoritários; 7) debilidade nos fundamentos e valores que sustentam as nações; 8) conflitos originados da diversidade religiosa; 9) significativos índices de criminalidade; e 10) pouco envolvimento da sociedade em assuntos de segurança e defesa. Essas fragilidades são temas para narrativas e desinformação, visando provocar a segmentação, discórdia e a ruptura do tecido social de muitos países da América.

O ambiente informacional da América é muito proveitoso para a guerra cognitiva. Estima-se, por exemplo, que haja cerca de 987 milhões de celulares no Continente Americano,⁷⁴ ou seja quase 1 celular/habitante da América. No tocante às redes sociais, a distribuição estimada de usuários no Continente é a seguinte: 1) 447,82 milhões na América do Norte; 2) 316,78 milhões na América do Sul; e 3) 28,99 milhões na América Central, perfazendo 793,59 milhões de pessoas.⁷⁵ Segundo a DATAREPORTAL, o tempo médio diário que um usuário dispende nas redes sociais é de aproximadamente 2 horas e 23 minutos.⁷⁶ Lindström *et al*, argumentam que o longo tempo de conexão nas redes sociais estimula a produção de dopamina⁷⁷ e cria a necessidade psicológica de recompensas sociais, como as “curtidas ou likes”, favorecendo a manipulação cognitiva contida nas informações ou desinformações presentes nas mídias.⁷⁸

Considerando a predominância de estados democráticos na América, tem-se outro problema extremamente sensível: como equilibrar a liberdade de expressão e de imprensa, característica basilar das democracias, ao mesmo tempo que se estabelecem controles para as mídias tradicionais e mídias sociais para o evitamento da profusão de notícias falsas e manipulações. Ademais, tem-se o desafio que alguns países americanos

⁷⁴ Obtido a partir da conjugação de dados do Statista. Acessado em 08 de abril de 2024. <https://www.statista.com/statistics/1258906/worldwide-smartphone-adoption-rate-telecommunication-by-region/>

⁷⁵ Rohit Shewale. “Social Media Users 2024 (Global Data & Statistics)”. Acesso em 08 de abril de 2024. <https://www.demandsage.com/social-media-users/>

⁷⁶ DATAREPORTAL. Kepios. “Global Social Media Statistics”. 2024. Acessado em 08 de abril de 2024. <https://datareportal.com/social-media-users>.

⁷⁷ Neurotransmissor ligado à recompensa, prazer e aprendizado.

⁷⁸ Bjorn Lindstrom, Martin Bellander, David Schltner, Allen T. Chang, Phillippe Tobler e David M. A. Amodio. “A computational reward learning account of social media engagement”. Nature Communications. 2021.

considerem a ameaça da guerra cognitiva como “teoria da conspiração,”⁷⁹ facilitando a fragmentação de propósitos para o estabelecimento de uma defesa cognitiva hemisférica. Outro desafio que muitos países do Continente enfrentam é o processo de deslegitimação das forças armadas, particularmente pelo emprego das tropas em problemas domésticos. Essa situação é explorada cognitivamente para gerar a descrença nas forças armadas e o afastamento da sociedade dos assuntos de segurança e defesa. Esse problema pode, ainda, afetar a “vontade de lutar” dos cidadãos de um Estado, quando necessário. Segundo a RAND Corporation a motivação pode ser afetada por ideologias, vinganças e falta de coesão. Dessa forma, mediante a guerra cognitiva para deslegitimar as forças armadas, pode-se reduzir a motivação das pessoas para defenderem seus países,⁸⁰ bem como reduzirem os orçamentos de defesa.

O Continente conta com o Tratado Interamericano de Assistência Recíproca (TIAR), elaborado sob a perspectiva de guerra com ações cinéticas. No entanto, a guerra cognitiva se vale de ações não cinéticas de difícil caracterização de origem em virtude da multiplicidade de meios que usa. Dessa forma, constitui-se um desafio invocar o Órgão de Consulta da Organização dos Estados Americanos a fim de estabelecer medidas de defesa cognitiva com base no TIAR.⁸¹

Enfim, o Continente Americano está diante de um conjunto de desafios, pois, sob uma aparente paz, o Hemisfério já está inserido no contexto de uma guerra, cujas manobras adversárias parecem ser invisíveis pois incidem sobre a mente das pessoas. A seguir serão vistas algumas oportunidades que a guerra cognitiva apresenta para o Continente Americano.

As oportunidades para a cooperação hemisférica contra as guerras cognitivas

⁷⁹ Kimberly Orinx1 Pr. Tanguy Struye de Swielande. Chapter 8 – China and Cognitive Warfare: why is the west losing? In Cognitive Warfare: First NATO Scientific Meeting on Cognitive Warfare. Bordeaux. France. (2021): 8-3. Acessado em 12 de abril de 2024. <https://innovationhub-act.org/mwg-internal/de5fs23hu73ds/progress?id=tE7YMt51TuGRY0SG6ARUMa--KkN7jWT61Ua5NpPkvL8>.

⁸⁰ RAND Corporation. “Will to Fight: Returning to the Human Fundamentals of War.” (2018): 12. Acessado em 16 de abril de 2024. https://www.rand.org/mwg-internal/de5fs23hu73ds/progress?id=Cuxof9VGEJnmyoY92tjWYKhsyLIPeQa0C1ZfJD9_Rk0.

⁸¹ Organization of American States. Inter-American Treaty of Reciprocal Assistance. Acessado em 17 de abril de 2024. <https://www.oas.org/juridico/english/treaties/b-29.html>

A ameaça da guerra cognitiva na América: desafios e oportunidades para a cooperação interamericana.

A primeira oportunidade visualizada diz respeito à promoção do debate do tema entre os países para a conscientização da ameaça que paira sobre o Continente.⁸² Sem a consciência do risco que a guerra cognitiva constitui, os países se tornam presas fáceis da manipulação e da perda de soberania.

O incremento das ações educacionais para o desenvolvimento do pensamento crítico das pessoas que habitam na América constitui-se em uma grande oportunidade para o Continente. De acordo com o Luberisse, o fortalecimento da resiliência dos indivíduos frente à guerra cognitiva se dá por intermédio da educação desde jovem. É fundamental que as pessoas adquiram a capacidade de analisar as informações quanto às fontes, a identificação de vieses e a tentativa de manipulação das percepções.⁸³ Masakowski e Sivertsen reforçam a mesma ideia, afirmando que as crianças devem, desde cedo, ser ensinadas a reconhecerem notícias falsas (fake News) em mídias sociais; e pensarem criticamente contra as manipulações de percepção.⁸⁴ Nesse sentido, instituições como a Organização dos Estados Americanos, Junta Interamericana de Defesa e Colégio Interamericano de Defesa são essenciais para ampliarem a propagação da educação do pensamento crítico para todo o Continente.

O desenvolvimento de capacidades de compartilhamento de inteligência na América contra guerra cognitiva é outra oportunidade significativa e, ao mesmo tempo, difícil de se operacionalizada. Tradicionalmente, há reservas entre Estados para o compartilhamento de informações, contudo é crucial que ocorra a troca de dados para a detecção da ameaça e/ou a identificação do modus operandi das ações cognitivas ofensivas.⁸⁵ Nesse contexto de compartilhamento de inteligência, Michael e Kuperwasser, citando Robert Koslosky, sugerem o estabelecimento da inteligência pública (PUBINT), na qual certos dados devem ser compartilhados com a população para que seja possível detectar e identificar as ameaças.⁸⁶

⁸² Lea Kristina Petronella Bjørgul. “Chapter 12 – Legal and Ethical Implications Related to Defence Against Cognitive Warfare.” In *Mitigating and Responding to Cognitive Warfare*. (2023):12-3. Acessado em 17 de abril de 2024. <https://doi.org/10.14339/STO-TR-HFM-ET-356>.

⁸³ Josh Luberisse. *Cognitive Warfare in the Age of Unpeace: Strategies, Defenses, and New Battlefield of the Mind*. eBook Kindle. Chapter 11: Defensive Strategies: Countermeasures and Resilience. (2023): 89 - 94.

⁸⁴ Yvonne R. Masakowski e Eskil Grendahl Sivertsen. “Chapter 7 – Defence Against 21st Century Cognitive Warfare: Considerations and Implications of Emerging Advanced Technologies”. (2023): 7-7. In *Mitigating and Responding to Cognitive Warfare*. 2023. Acessado em 17 de abril de 2024. <https://doi.org/10.14339/STO-TR-HFM-ET-356>.

⁸⁵ Josh Luberisse. (2023): 89 – 94.

⁸⁶ Kobi Michael e Yossi Kuperwasser. “Cognitive Intelligence: The Theoretical Aspect. In *The Cognitive Campaign: Strategic and Intelligence Perspectives*”. (2019): 85. Acessado em 17 de abril de 2024. https://www.inss.org.il/wp-content/uploads/2019/10/Memo197_e_compressed.pdf.

O desenvolvimento de soluções tecnológicas para detecção e alerta⁸⁷ de ações cognitivas ofensivas pode ser uma oportunidade a ser explorada conforme ocorra o amadurecimento das relações dos países do Continente e o aumento da confiança mútua sobre o tema.

À medida que os países do Continente se tornem conscientes da ameaça, é possível o estudo de alternativas para comporem o arcabouço legal de medidas de defesa cognitiva. Em fases posteriores, há de se considerar a possibilidade de estabelecimento de um regime internacional de tratamento da ameaça cognitiva no Hemisfério.⁸⁸

Finalmente, a América pode buscar integração com outros atores que também estejam pesquisando essa área como a Bulgária, que proporcionou o Curso Piloto de Guerra Cognitiva⁸⁹ para integrantes da OTAN e o Centro de Pesquisa para Combate à Guerra Cognitiva de Taiwan.⁹⁰

Conclusão

Nosso maior desafio é que estamos no meio de uma guerra cognitiva ... e nosso foco permanece quase exclusivamente na (guerra) cinética⁹¹. (Edward L. Haugland)⁹²

O Continente Americano parecia estar longe das guerras, considerando que os principais conflitos ocorreram na Europa, Oriente Médio ou na Ásia e lá se encontram as principais áreas de tensão na atualidade. Desafortunadamente essa situação parece ter mudado e de uma maneira bastante singular, pois o conflito geopolítico existente para transformar o sistema internacional uni-multipolar em multipolar pleno aproximou as ameaças para a América. Assim, a guerra cognitiva ocorre sem movimentações de tropas, disparos de artilharia ou sortidas de aeronaves de caça. A mente de cada habitante do

⁸⁷ Idem

⁸⁸ Josh Lubersse (2023): 89 – 94.

⁸⁹ Cognitive Warfare Course. Acessado 19 de abril de 2023.

https://cmdrcoe.org/menu.php?m_id=40&c_id=108

⁹⁰ Chien Li-chung e Jason Pan. Research center set up to combat cognitive warfare. (2024). <https://www.taipeitimes.com/News/front/archives/2024/01/19/2003812310>.

⁹¹ Tradução livre e adaptada. Acrescentou-se o termo “guerra”, para proporcionar maior clareza à citação.

⁹² Edward L.Haugland. “Future Military Intelligence CONOPS and S&T Investment Road Map 2035 – 2050: The Cognitive War”. (2019): 42. Acessado em 17 de abril de 2024. https://nsiteam.com/mwg-internal/de5fs23hu73ds/progress?id=PapgANAFqJnsqHF-9NX9_V0jEDIW4DOqT1UumFhJro,

A ameaça da guerra cognitiva na América: desafios e oportunidades para a cooperação interamericana.

Continente Americano se transformou em um campo de batalha. Parece que já estamos em guerra.

A acelerada evolução tecnológica dos meios de comunicação, o surgimento de fenômenos como as redes sociais e hiperconectividade das pessoas vieram a dar corpo à proposta de Sun Tzu de obter vitórias sem lutar. Assim a guerra cognitiva poder ser comparada a uma guerra de “balas invisíveis voando em todas as direções”.⁹³

Verificou-se que são diversos os desafios enfrentados pelo Hemisfério, mas destaca-se a ameaça à democracia uma vez que os Estados enfrentam o dilema de: 1) ou constrangerem os princípios da liberdade de expressão e de imprensa para reduzirem as ameaças; 2) ou manterem aqueles princípios e verem a cognição de seus habitantes serem afetadas, fazendo ruir a soberania. Emerge, portanto uma questão central: qual deve ser a medida de afirmação de autoridade do Estado frente à ameaça da guerra cognitiva em um contexto distinto do período pós Westfaliano? Esse problema tem que ser discutido conjuntamente na América.

Finalmente, a situação deve ser encarada como uma oportunidade de integração do Hemisfério para estabelecer sua defesa cognitiva, sobretudo fomentando o desenvolvimento do pensamento crítico dos habitantes, em particular dos líderes tão sujeitos à interferência da guerra cognitiva nos processos de tomada de decisão político-estratégicos.

Bibliografia

- Alvarado, Oswal Sigüenias. “O Conflito do Cenepa em seus 25 Anos: Lições aprendidas Uma Análise do Uso dos Princípios do Poder Aeroespacial Peruano”. *Revista Profissional da Força Aérea dos EUA*. no.3 (2021): 155. Acessado em 05 de abril de 2024. https://www.airuniversity.af.edu/Portals/10/JOTA/Journals/Volume%203%20Issue%203/06-Siguenas_port.pdf
- Anston, Agaate e Punamäe, Sander. “Estonia 200 provocative posters”. 2019. Acessado em 12 de abril de 2024. <https://news.postimees.ee/6494099/estonia-200-provocative-posters>
- Backes, Oliver e Swab, Andrew . “Cognitive Warfare. The Russian Threat to Election Integrity in the Baltic States.” Policy Analysis Exercise. Harvard Kennedy School. Belfer Center for Science and International Affairs. (2019): v. Acessado em 07 de abril de 2024 <https://www.belfercenter.org/sites/default/files/2019-11/CognitiveWarfare.pdf>

⁹³ Kazumi Naganuma. “Warfare in the Cognitive Domain: Narrative, Emotionality, and Temporality”. (2021):1. Acessado em 17 de abril de 2024. https://www.nids.mod.go.jp/mwg-internal/de5fs23hu73ds/progress?id=F9V2rhIikzcVSUV09zEG_u0X28P_LJodSFDjxndAxs.

- Banco Mundial. Dados. Acessado em 15 de abril de 2024. <https://data.worldbank.org/indicator/NY.GDP.MKTP.CD>
- Baracuhy, Braz. “Os Fundamentos da Geopolítica Clássica: Mahan, Mackinder, Spykman”. Fundação Alexandre de Gusmão. 2021.
- Bjørgul, Lea Kristina Petronella. “Chapter 12 – Legal and Ethical Implications Related to Defence Against Cognitive Warfare.” In *Mitigating and Responding to Cognitive Warfare*. (2023):12-3. Acessado em 17 de abril de 2024. <https://doi.org/10.14339/STO-TR-HFM-ET-356>.
- Borgonovo, Federico. “Strategies, disinformation techniques and cognitive warfare of jihadist organisations.” *Journal of Stability Policing – Advanced Studies*. v.I. no.1. (2022):41. Acessado em 09 de abril de 2024. <https://www.coespu.org/articles/strategies-disinformation-techniques-and-cognitive-warfare-jihadist-organisations>.
- Brasil. Ministério da Defesa. Exército Brasileiro. Comando de Operações Terrestres. Manual de Campanha Operações de Informações. 2ª Ed. 2019.
- Burton, Rachael e Stewart, Devin. “China’s Cognitive Warfare,” with Rachael Burton. New York: Newstex. 2019. Acessado em 14 de abril de 2024. <https://www.carnegiecouncil.org/media/series/asia/20190211-china-cognitive-warfare-rachael-burton>.
- Claverie, Bernard e Du Cluzel, François. “Chapter 2 – “Cognitive Warfare”: The Advent of the Concept of “Cognitics” in the Field of Warfare. In *Cognitive Warfare: First NATO Scientific Meeting on Cognitive Warfare*. (2021):2-1. Acesso em 08 de abril de 2024. <https://innovationhub-act.org/wp-content/uploads/2023/12/Cognitive-Warfare-Symposium-ENSC-March-2022-Publication.pdf>.
- Claverie, Bernard. “What Is Cognition? And How to Make it One of the Ways of the War?” In *Cognitive Warfare: The Future of Cognitive Dominance*, NATO Collaboration Support Office, (2022):4-3 Acessado em 10 de abril de 2024. <https://hal.science/hal-03635907v1/document>.
- Dahl, Arden B. “Command Dysfunction: Minding the Cognitive War.”(1996): 37. Acessado em 05 de abril de 2024. http://uploads.worldlibrary.net/uploads/pdf/20121023231948command_dysfunction_pdf.pdf.
- Danyk, Yuriy e Briggs, Chad M “Modern Cognitive Operations and Hybrid Warfare.” *Journal of Strategic Security* 16, n.1. (2023): 35-50. Acessado 10 de abril de 2024. <https://digitalcommons.usf.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=2032&context=jss>.
- DATAREPORTAL. Kepios. “Global Social Media Statistics”. 2024. Acessado em 08 de abril de 2024. <https://datareportal.com/social-media-users>.
- Du Cluzel, François. “Cognitive Warfare, a Battle for the Brain.” STO-MP-AVT-211. NATO. p.KN3-4.
“The vulnerabilities of the human brain.” In *The Centrality of Human Brain. Cognitive Warfare*. 2020.
- Dubreuil, Vincent e LeTourneau, François-Michel. . “A água nas Américas. 2020”. (março 2020), <https://doi.org/10.4000/ideas.8459> Acessado em 05 de abril de 2020. <https://journals.openedition.org/ideas/8459#quotation>.
- Elam, Donald Emmet. “Attacking the Infrastructure: Exploring Potential Uses of Offensive Information Warfare.” (1996):14. Acessado em 05 de abril de 2024. <https://apps.dtic.mil/sti/tr/pdf/ADA311391.pdf>.
- Elder, Elinda e Paul, Richard. “Analytic Thinking: How to take thinking apart and what to look for when you do. The elements of thinking and the standards they must meet.” (2007): 5. Acessado em 13 de abril de 2024. https://www.criticalthinking.org/files/Concepts_Tools.pdf.

A ameaça da guerra cognitiva na América: desafios e oportunidades para a cooperação interamericana.

- Ellis, Robert Evan. "The Rise of China in the Americas." *Security and Defense Studies Review*. v. 16. (2014): 90.
- Ellis, Robert Evan. "Chinese Security Engagement in Latin America." *Center For Strategic & International Studies*. (2020): 4-5.
- Flemisch, Frank. "Human-machine teaming towards a holistic understanding of Cognitive Warfare." In Y. R. Masakowski, J. M. Blatny (eds.) *Mitigating and Responding to Cognitive Warfare*. NATO STO Technical Report RDP STO-TR-HFM-ET-356. (2023): 9-1 – 9:10. Acessado em 09 de abril de 2024. <https://doi.org/10.14339/STO-TR-HFM-ET-356>.
- Food and Agriculture Organization (FAO). "The State of the World's Forests: Forests, Biodiversity and People. 2020" (2020): 42. Acessado em 05 de abril de 2024. <https://www.fao.org/3/ca8642en/online/ca8642en.html>.
- Freeman, D. "Creating Emotion in Games: The Craft and Art of Emotioneering." *In Computers in entertainment*. v.2. no.3. (2004). <https://doi.org/10.1145/1027154.1027179>.
- Haugland, Edward L. "Future Military Intelligence CONOPS and S&T Investment Road Map 2035 – 2050: The Cognitive War". (2019): 42. Acessado em 17 de abril de 2024. https://nsiteam.com/mwg-internal/de5fs23hu73ds/progress?id=PapgANAFqJnsqHF-9NX9_V0jEDIW4DOqT1UumFhJro,
- Hung, Tzu-Chieh e Hung, Tzu-Wei Hung. "How China's Cognitive Warfare Works: A Frontline Perspective of Taiwan's Anti-Disinformation Wars." 2020.
- Institute for Economics & Peace. "Global Peace Index 2023." (2023):8-9. Acessado em 05 de abril de 2024. <https://www.economicsandpeace.org/wp-content/uploads/2023/09/GPI-2023-Web.pdf>.
- Jindal, Divyanshu. "The War on Conscience: India in the Age of Cognitive Warfare." *India Foundation Monography 1*. (2023):7. Acessado em 10 de abril de 2024. <https://indiafoundation.in/wp-content/uploads/2023/09/Divyanshu-Jindal-combined-Final-48-pages.pdf>.
- Joint Chiefs of Staff. "Joint Publication 3-13. Information Operations." (2012): II-1. Acessado em 09 de abril de 2024. https://irp.fas.org/doddir/dod/jp3_13.pdf.
- Kimberly Orinx1 Pr. Tanguy Struye de Swielande. Chapter 8 – CHINA AND COGNITIVE WARFARE: WHY IS THE WEST LOSING? In *Cognitive Warfare: First NATO Scientific Meeting on Cognitive Warfare*. Bordeaux. France. (2021): 8-3. Acessado em 12 de abril de 2024. <https://innovationhub-act.org/mwg-internal/de5fs23hu73ds/progress?id=tE7YMt51TuGRY0SG6ARUMa--KkN7jWT61Ua5NpPkvL8>
- Knox, Benjamin. "Chapter 5- Cognitive and Behavioral Science (Psychological Interventions) In *Mitigating and Responding to Cognitive Warfare*". STO-TR-HFM-ET-356 (2022): 5-3. <https://doi.org/10.14339/STO-TR-HFM-ET-356>.
- Laricchia, Federica *In Statista*. "Forecast number of mobile devices worldwide from 2020 to 2025 (in billions)*" Acessado em 16 de abril de 2024. <https://www.statista.com/statistics/245501/multiple-mobile-device-ownership-worldwide/#:~:text=In%202021%2C%20the%20number%20of,devices%20compare d%20to%202020%20levels>.
- Li-chung, Chien e Pan, Jason. *Research center set up to combat cognitive warfare*. (2024). <https://www.taipeitimes.com/News/front/archives/2024/01/19/2003812310>.
- Lindstrom, Bjorn; Bellander, Martin; Schltner, David; Chang, Allen T., Tobler, Phillippe e Amodio, David M. A. "A computational reward learning account of social media engagement." *Nature Communications*. 2021
- Luberisse, Josh. *Cognitive Warfare in the Age of Unpeace: Strategies, Defenses, and New Battlefield of the Mind*. Ebook Kindle. Chapter 11: Defensive Strategies: Countermeasures and Resilience. (2023): 89 - 94.
- Masakowski, Yvonne R e Sivertsen, Eskil Grendahl. "Chapter 7 – Defence Against 21st Century Cognitive Warfare: Considerations and Implications of Emerging Advanced Technologies". p 7-7. In *Mitigating and Responding to Cognitive Warfare*. 2023.

- McMahon, Dave. “Maligned Influence and Interference in Canada”. Canadian Global Affairs Institute. (2023): 2. Acessado em 15 de abril de 2024. https://assets.nationbuilder.com/cdfai/pages/5323/attachments/original/1688675087/Maligned_Influence_and_Cognitive_Warfare.pdf?1688675087.
- Merino, Álvaro. “El mapa del índice de democracia en el mundo”. (2024). Acessado em 05 de abril de 2024. <https://elordenmundial.com/mapas-y-graficos/el-mapa-del-indice-de-democracia/>.
- Michael, Kobi e Kuperwasser, Yossi. “Cognitive Intelligence: The Theoretical Aspect. In The Cognitive Campaign: Strategic and Intelligence Perspectives”. (2019): 85. Acessado em 17 de abril de 2024. https://www.inss.org.il/wp-content/uploads/2019/10/Memo197_e_compressed.pdf.
- Morelle, Marie, Marion, Damien, Cegarra, Julien e André, Jean-Marc. “Towards a Definition of Cognitive Warfare.” Conference on Artificial Intelligence for Defense, DGA Maîtrise de l’Information, Rennes. France. (novembro 2023):1. Acessado em 05 de abril de 2024. <https://hal.science/hal-04328461/document>.
- Naganuma, Kazumi. “Warfare in the Cognitive Domain: Narrative, Emotionality, and Temporality”. (2021):1. Acessado em 17 de abril de 2024. https://www.nids.mod.go.jp/mwg-internal/de5fs23hu73ds/progress?id=F9V2rhlikzcVSUVO9zEG_u0X28P_LJodSFDj_xndAxs
- Organização do Tratado do Atlântico Norte. Organização do Tratado do Atlântico Norte. Acessado em 08 de abril de 2024. <https://www.act.nato.int/article/cognitive-warfare-strengthening-and-defending-the-mind/>
- Organização do Tratado do Atlântico Norte. “Cognitive Warfare: Strengthening and Defending the Mind.” (2023). Acessado em 26 de março de 2024. <https://www.act.nato.int/article/cognitive-warfare-strengthening-and-defending-the-mind/>.
- Organization of American States. Inter-American Treaty of Reciprocal Assistance. Acessado em 17 de abril de 2024. <https://www.oas.org/juridico/english/treaties/b-29.html>
- Ottewell, Paul. “Defining the Cognitive Domain”. (2020):4. Acessado em 08 de abril de 2024. <https://overthehorizonmdos.wpcomstaging.com/2020/12/07/defining-the-cognitive-domain/?ref=stratagem.no>.
- Pastor, Álvaro. “Cognitive Warfare.” Barcelona. Spain. 2023. Publicado em PsyArXiv Preprints. (versão de 27 de junho de 2003): 6. <https://doi.org/10.31234/osf.io/zgsej> Acessado em 10 de abril de 2024.
- Pritchard, B. “Cognitive Wars A-I Theory: An Appraisal” In *In Theory Vědy*. Tchéquia: Ústav, v.1/2. (1990): 7:23. Acessado em 27 de março de 2024. <http://dk.kramerus.org/cdk/view/uuid:17fd3622-2e83-11e2-1418-001143e3f55c?page=uuid:17fd362b-2e83-11e2-1418-001143e3f55c&fulltext=cognitive%20war&source=knaw>
- Puma Shen. “How China Initiates Information Operations Against Taiwan”. *Taiwan Strategists No.12*. (2021): 20. Acessado em 14 de abril de 2024. <https://www.airitilibrary.com/Article/Detail?DocID=P20220613001-202112-202206130009-202206130009-19-34>.
- Rácz, Dr. András. “Socially Inclusive and Exclusive Warfighting: Comparing Ukraine and Russia’s Ways of War.” In *Russia’s Imperial Endeavor and Its Geopolitical Consequences*. Central European University Press (novembro 2023): 27. Acessado em 10 de abril de 2024. <https://dgap.org/en/research/publications/socially-inclusive-and-exclusive-warfighting-comparing-ukraine-and-russias>
- RAND Corporation. “Will to Fight: Returning to the Human Fundamentals of War.” (2018): 12. Acessado em 16 de abril de 2024. https://www.rand.org/mwg-internal/de5fs23hu73ds/progress?id=Cuxof9VGEJnmyoY92tjWYKhsyLIPeQa0C1ZfJD9_Rk0.
- Rosner, Yotam e Siman-Tov, David. . “Russian Intervention in the US Presidential Elections: The New Threat of Cognitive Subversion.” *INSS Insight* no.1031 (março 2018):1.

A ameaça da guerra cognitiva na América: desafios e oportunidades para a cooperação interamericana.

- Acessado em 08 de abril de 2024. <https://www.inss.org.il/publication/russian-intervention-in-the-us-presidential-elections-the-new-threat-of-cognitive-subversion/>.
- Santora, Jacinda. “116 social media sites you need to know in 2024”. Acessado em 16 de abril de 2024. <https://influencermarketinghub.com/social-media-sites/>
- Schubert, Gunter. “China’s 31 Preference Policies for Taiwan: An Opportunity, no Threat”. (2018). Acessado em 15 de abril de 2024. <https://taiwaninsight.org/2018/03/21/chinas-new-31-preference-policies-for-taiwan-an-opportunity-no-threat/>.
- Shewale, Rohit. “Social Media Users 2024 (Global Data & Statistics)”. Acesso em 08 de abril de 2024. <https://www.demandsage.com/social-media-users/>.
- Shimbun, Youmiuri. “China’s cognitive warfare aims to influence views in Taiwan.” The Japan News. (outubro 2022). Acessado em 13 de abril de 2024. <https://asianews.network/chinas-cognitive-warfare-aims-to-influence-views-in-taiwan/>.
- Siebens, James A. “China’s Use of Armed Coercion: To win without fighting, 2024”. London: Routledge, Taylor & Francis Group.
- Taipei Times. 2018. Acessado em 15 de abril de 2024. <https://www.taipeitimes.com/News/taiwan/archives/2018/09/09/2003700087>
- Tzu, Sun. “A Arte da Guerra: Por uma Estratégia Perfeita”. Tradução Heloísa Sarzana Pugliesi, Márcio Pugliesi. — São Paulo: Madras. (2005): 63
- Worldometer. Acessado em 05 de abril de 2020. <https://www.worldometers.info/population/latin-america-and-the-caribbean/> e <https://www.worldometers.info/world-population/northern-america-population/>
- Zimmermann, Rodrigo Milindre Gonzalez “A guerra das Malvinas/Falklands Desclassificada: A Arquitetura do Conflito a partir da Revisão dos Arquivos Oficiais da Argentina, Estados Unidos e Reino Unido” (2023):12. Acessado em 05 de abril de 2024. <https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/271073/001193928.pdf?sequence=1>